

CORAÇÕES MORDIDOS :

0 ESPELHO E A COLAGEM

ZAHIDÉ L. MUZART*

"Imagino meu eu como um prisma; todas as personagens que giram ao redor de mim são eus que me enervam com seus procedimentos."

E. Th. A. Hoffmann

SOBRE A AUTORA E A OBRA:

A autora de **Corações Mordidos** (S.P. Global, 1983), Edla Van Steen, foi sempre ligada às artes: atriz, ativista cultural, escritora.

Nasceu em Florianópolis, é de origem alemã (Wendhausen) e belga. Seu nome Van Steen quer dizer **de pedra**. "Mas seu coração, que não é de pedra, já tem duas pontes de safena" e, segundo ela, "se emociona facilmente." Esteve interna em um colégio de Curitiba para onde foi muito menina. Seu primeiro emprego: escrever para rádio e jornal. No cinema, foi atriz do filme **Garganta do diabo**, e ganhou prêmio de interpretação, na Europa.

Publicou:

Cio - contos - 1965

Antes do amanhecer - contos - 1977

*Professora de Literatura Brasileira na UFSC.

Memórias do medo - romance - 1974

Corações Mordidos - 1983

Viver e escrever 1 - 1981

Viver e escrever 2 - 1982

Manto de nuvem - infanto-juvenil

Até Sempre - 1985.

Traduziu (com Eduardo Brandão): Katherine Mansfield. **Aula de Canto**. 1984.

Participou de antologias, como organizadora e colaboradora:

O Conto da mulher brasileira

O papel do amor (Edição especial para Indústrias de Papel Simão SA).

Edla Van Steen é uma escritora que trabalha muito; é uma pessoa inquieta e dinâmica. Há que ressaltar-se o trabalho monumental realizado para a publicação **Viver e Escrever** - entrevistas com escritores brasileiros. Para isso, ela selecionou 100 escritores de excelente nível, leu a obra desses escritores e a fortuna crítica. Já publicou dois volumes e tem três outros prontos. A obra toda contará cinco volumes. O trabalho é de pesquisa, significa "ler e descobrir o autor, ver que tipo de contribuição ele podia dar". Segundo Edla, este trabalho mostra o quanto é fértil a literatura brasileira. Foi durante essas entrevistas que Edla "desencalhou" **Corações Mordidos**, o qual já tinha começado três vezes e que, segundo ela, "não ia prá frente, alguma coisa impedindo. "Então", conta ela, "foi aprendendo com os escritores, descobrindo-se, vendo que as dificuldades são grandes para todos." Um dos critérios de Edla, na seleção dos escritores, foi de "criar um panorama da literatura brasileira, não ficar centrada no Rio e São Paulo, mas pegar do Rio Grande ao Amazonas, fazendo uma mescla de estados e também de gerações." Cada volume custou-lhe dois anos para ler as obras dos autores e preparar as entrevistas.

Edla fez uma cirurgia no coração, apesar de sua pouca idade para este tipo de doença. Numa entrevista (16/07/83) para Salim Miguel, em O Estado, disse que já havia escrito o romance e dado o título antes do enfarte, e que a maior surpresa sua foi ver a representação de um enfarte num coração de plástico,

no consultório do cardiologista, pois, parecia uma mordida... E que, estranhamente, nunca tratou tanto da morte como neste romance. Coincidência?premonição?

Nesta mesma entrevista, fala um pouco de sua maneira de escrever, a lápis, sempre, para poder apagar tantas vezes quantas necessárias for, à procura da exatidão. Em **Manto de nuvem**, literatura infanto-juvenil, diz também que "é meio perfeccionista" e que "recomeça muitas vezes a mesma história até conseguir encontrar o ritmo."

Esses detalhes de entrevistas, têm aqui o seu interesse, porque um dos meus objetivos é mostrar o quanto a ficção de Edla é fruto de trabalho paciente e dedicação.

Há muitas maneiras de se ler um livro. Pode-se ler aplicando uma ou outra teoria, pode-se ler por fruição, por prazer sem mais nada. Este livro de Edla Van Steen, li-o da primeira vez só por prazer. Porém, quando surgiu esta idéia da semana de autores catarinenses¹, aí recomecei a ler, procurando o ponto x do livro, as idéias-chave que o livro sugeria. E logo me vieram à mente vários temas que se entrelaçavam no romance, várias maneiras de abordá-lo. E um ponto prevaleceu: a pergunta: "como este romance da catarinense Edla Van Steen se insere na contemporaneidade? O que o faz ser contemporâneo? O que é que o faz ser **de hoje**, tratando dos mesmos velhos temas clássicos da literatura? É um dos pontos que procurarei ver neste breve comentário.

O romance não é absolutamente um romance convencional. Se o fosse, eu poderia falar dos vários temas, amor, morte, solidão, repressão da mulher, amor fracassado, etc... Mas não é um romance convencional. Trata-se de um romance que se insere na linhagem dos romances que contêm a própria criação questionada dentro dele. Em todo o romance, e este é o tema central camuflado e que vai conferir a grande ambigüidade do texto, há "**uma sondagem profunda no processo da criação literária**". O livro apresenta um jogo dos elementos ficcionais, tais como: ponto-de-vista narrativo, construção de personagens e desenvolvimento do enredo".

Corações Mordidos conta, através de Greta, a protagonista, a vida dos moradores da Aldeia dos Sinos, um projeto de lo-

¹Resumo de palestra proferida em maio de 1985, na UFSC.

teamento, um condomínio horizontal fechado, perto de São Paulo, na antiga fazenda da protagonista.

Morar na Aldeia é sair da cidade grande, da cidade poluída, é viver perto da natureza e, por isso, encarna as esperanças dos moradores, de um viver mais humano e sossegado. Porém, depois da venda dos terrenos e construção das casas, o projeto da imobiliária começa a decair e o condomínio fracassa. O sonho vai se tornar pesadelo, e vemos a deterioração de tudo: mortes, assassinatos, prostituição e, ao final, o abandono de todas as casas pelos seus proprietários. A desintegração da Aldeia se completa com a invasão de um cheiro horrível, cheiro de podre que penetra por toda a parte, e nos faz pensar no último romance de Érico Veríssimo: **Incidente em Antares**. O romance termina com Greta, arrumando as malas para abandonar a casa antiga de sua família, e com uma faísca que cai do fogo da lareira sobre a seragam e os livros.

Tudo isso que, grosseiramente, resumo, é visto pelo olhar de Greta, de seus medos e obsessões, sua solidão e sua busca de identidade. Este resumo linear não corresponde à estrutura do romance, que é a da "colagem".

Sem atentar para o fato de que Greta, a personagem principal, se desdobra em Tina, o duplo, e que a mesma Greta é a narradora, não se compreende, logo no início, o romance. Vamos ter uma estranha construção a partir de Greta, que vai criando outras personagens e com elas vai discutindo a vida de outras personagens. "É verdadeiramente difícil o que se quer contar. Cada dia uma incôgnita. Uma cebola fechada que ela ia descascando pele por pele." (p.143)

Todo o estudo deste romance só pode partir do foco narrativo, tal a complexidade deste. Quem conta a história é um narrador em terceira pessoa, porém sente-se, ao mesmo tempo, que é um narrador em primeira pessoa. Misturam-se onisciência seletiva (Greta e suas personagens), falsa terceira pessoa, monólogo interior e diálogo. Temos de estar bem atentos, nós leitores, para descobrir que a protagonista Greta é também a narradora. Vejam bem: ela escreve na terceira pessoa, na primeira e na voz de Tina, o duplo (no diário). Trata-se de uma suposta terceira pessoa, pois, é a voz da própria Greta. Vejam os exemplos se-

guintes:

Terceira pessoa:

"Sabe-se lá porquê, Greta chegou a pensar se ela, de alguma forma não estaria tentando desvendar o futuro na imagem refletida." (p.13)

"Intimamente, Greta talvez atribuisse àquela colagem toda a mudança de comportamento da amiga." (p.15)

"O carteiro chegou quando Greta estava varrendo as folhas secas do jardim. Carta para Tina. Da Espanha." (p.15)

Primeira pessoa:

Greta pensa. "Talvez devesse começar pelo cenário e não por Tina. O nome do lugar." (p.18)

Pode-se chamar a essa narrativa de aberta. O leitor acompanha cada passo, acompanha a criação se realizando.

É muito interessante notar as múltiplas perguntas que terminam muitas partes, por exemplo: "O que terá acontecido a Sônia?", (p.70); "Em quantas individualidades pode se desdobrar um único ser?" (p.94); "Terá sua razão de ser? E isso teria importância?" (p.115), e assim muitos e muitos outros exemplos poderiam ser citados. O ato da criação é discutido a cada passo.

O primeiro capítulo (melhor chamar-se cena), que não vem com número nem título, só é separado do seguinte por um espaço em branco - é uma antevisão dos temas do romance. Aparece aí o tema do duplo (que ainda não desconfiamos que seja) **Tina**, personagem estranha que à força de olhar-se ao espelho e de olhar para uma foto de um homem sofre uma metamorfose: "Até que aconteceu o inexplicável: os olhos de Tina fixaram o retrato com um brilho tenebroso - um brilho de quem estava prestes a sofrer uma metamorfose - e foram perdendo a cor azul. Ficaram pretos. Tina soltou uma gargalhada forte, masculina, assustadora. Na fotografia, os olhos do homem clareavam, os cabelos cresciam alourados sobre os ombros." Depois dessa metamorfose há um pequeno comentário de Greta sobre o caso, e Tina vai para a clínica. Greta pensa então em abrir o arcaz - baú colonial - onde há velhas cartas, o diário dessa Tina misteriosa. Greta tem medo do que irá descobrir. Essa parte de cinco páginas, que chamarei a "antecâmara" da narrativa deixa-nos em suspenso, com várias perguntas. Quem é Tina? O homem do retrato? Greta? Tantas diferen-

ças entre Greta e Tina? Greta reflexiva, madura; Tina sonhadora, romântica. Então, temos a cena seguinte que começa com a frase: "Talvez devesse começar pelo cenário e não por Tina." Quem deveria? perguntamos nós, quem é o narrador? Aqui parece que é Greta quem está narrando, falando sobre o espaço onde se passará a história: a aldeia dos sinos. É a primeira prova da identidade da narradora. Ou, bem, mais adiante: "Se não fosse por ela (Greta) existiria a Aldeia dos Sinos?" p.198.

É uma narrativa muito aberta, uma ruptura da narrativa convencional. Neste romance, o leitor acompanha passo a passo a feitura do romance e tem a nítida sensação de participar igualmente desta feitura. Por isso, um resumo linear não corresponde a esta estrutura de colagens, de pedaços, de fragmentos. O duplo de Greta - Tina - faz colagens: "(Tina) só conseguia dormir de madrugada. Então inventou um sistema curioso de vencer as horas: produzir colagens. Primeiro, recortava revistas. Depois, modificando o sentido original das figuras, ia construindo suas próprias imagens (...) Minuciosa e perfeccionista, levava noites e noites preparando a colagem, indecisa com as inúmeras opções oferecidas pelos recortes." (p.14) Essas experiências querem encontrar uma linguagem mais pessoal a cada passo testando suas "colagens", o tecido do texto. A colagem é a metáfora que melhor exprime o texto de Edla e é a metáfora pela qual Greta/Tina cria o mundo fictício. As reflexões se sucedem a cada página sobre o fazer literário. Aparecem também cartas (Por exemplo a de Luís para Tina), o diário de Tina, onde se vê a infância solitária e carente da personagem num colégio interno, de freiras. (Pode-se de imediato relacionar esta infância de Tina com os problemas de personalidade de Greta). Temos também no texto um típico exemplo de "mise-en abyme": o resumo de uma peça. Teatro dentro do romance. Uma peça cujo tema é a solidão. Uma mulher sozinha." Uma história simples de uma mulher comum, dependente, incapaz de modificar, interferir no próprio destino, até que no dia em que completa cinquenta anos, faz a única opção: enquanto os parentes comemoram o seu aniversário, ela atea fogo na casa, matando a família inteira. Pela peça, não se fica sabendo exatamente onde ela acabou, se num sanatório ou numa prisão." (p.131)

Por que "mise en abyme" (construção em abismo)? Porque esta história da mulher sozinha é também a história de Greta. Também vai atear fogo à casa, vai queimar tudo, na única opção possível, a deserção final.

Há dois pólos no romance de Edla Van Steen que se cruzam constantemente. Um é o pólo do real, outro, o pólo do simbólico oscilando entre os dois, a protagonista Greta, personagem dividida em duas - Greta e Tina - dividida entre o real, Greta, e o simbólico, a fantasmagoria, Tina. Edla expressou de uma maneira simbólica o próprio nome - Greta: fenda, ruptura, ruptura do eu da personagem. Uma personagem assombrada pelo problema do eu. O tema do duplo, tema clássico da literatura mundial, aparece aqui de modo diferente de outras narrativas. Não há o medo, o terror (V. p. ex. Goliadtkine em **Le Double** de Dostoievsky). Há uma espécie de benevolência. Greta assiste à sua própria criação. Está aí, neste ponto, nessa diferença, um dos aspectos da contemporaneidade do romance de Edla. O tratamento do tema do duplo que o diferencia radicalmente de narrativas com o mesmo tema, do século XIX (Interessante, num estudo do intertexto, ver as ligações deste romance com outros. Por exemplo O **retrato de Dorian Gray**. Em **Corações mordidos** também temos um retrato da protagonista, Greta, pintado por um pintor. No retrato de Greta, quem vai aparecer é o duplo: Tina). No nosso romance, o duplo não é inimigo e é apenas o fantasma da juventude com todos os desejos pueris e paixões românticas. O tema do duplo é transformado, perdendo o seu caráter diabólico. Os demônios, que Greta tenta exorcizar, ela o faz escrevendo o livro. Vejo o duplo, nessa narrativa, como representando a parte de fantasia, romantismo e paixão.

Na primeira frase do romance, dá-se o aparecimento de Tina que dá início à viagem interna e à narrativa. Seu primeiro gesto é o de olhar-se ao espelho. Ex.: "Ficava horas seguidas olhando-se no espelho (...). Aproximava bem o rosto do cristal, no pouco espaço ainda metalizado, pois a umidade manchava quase toda a superfície, como se quisesse tocar o seu reflexo."

O que é o espelho? Antes de ser uma imagem de poeta, o espelho é um produtor de imagens. Fonte de reflexão. É tema, imagem, metáfora, meio de conhecimento. Que reflete o espelho? A

verdade, o conteúdo do coração e da consciência. Este papel é utilizado em contos iniciáticos do ocidente, em narrativas e muito no simbolismo. É considerado instrumento de iluminação, símbolo da sabedoria e do conhecimento.

O romance inicia-se com o duplo olhando-se ao espelho. O romance, desde o início, se apresenta como uma viagem interior, uma busca de conhecimento. O espelho vem a ser a outra grande metáfora do romance. Função de desdobramento. Greta a se desdobrar em Tina. Tina a se transformar em homem. Greta a se projetar em várias personagens femininas ou masculinas, desdobrando-se como espelho contra espelho. Além dessa projeção em abismo, temos ainda a da peça dentro do romance onde a mulher solitária e frustrada é ainda Greta num jogo de espelhos. A estrutura do romance vai ser a desta busca interior: colagem, fragmento, sonho.

Existe uma contínua luta entre Greta e seu duplo, ao longo do romance e uma tentativa de aceitá-lo. A luta com Tina reflete igualmente as dificuldades da construção da narrativa. Greta tenta descobrir seu duplo no ato de escrever e volta sempre a ele até o fim dos "eus despedaçados". Ao final do romance há uma espécie de reconciliação com o duplo, quando Greta brinda a si mesma: "Tenho um nome, goste ou não dele. Sou alguém. Feliz ano novo Greta Cristina de Almeida". (p.224) É a primeira vez que aparece o nome todo da personagem, e é neste momento que entendemos o nome do duplo contido dentro do nome Cristina. Este assumir do duplo é ambíguo, nas últimas páginas do romance, porque há a desintegração total da aldeia, com o cheiro tomando conta de tudo e todos abandonando suas casas. Greta, sozinha, acende a lareira pela última vez; da casa familiar não levará quase nada. Vai cortar todas as raízes com o seu passado. Será a ruptura final. Então há um último diálogo com Tina, que lhe pergunta: "O que vai acontecer comigo?" E a acusação da narradora de que esse lado romântico é um lado "alienado, que as grandes paixões nunca deram certo." Aí, o fogo aumenta na lareira, uma faísca cai em cima da serragem, ao lado dos livros. E Greta não apaga a chama. Assim termina o romance. Tal qual a narradora se pergunta ao longo do romance: é isto ou aquilo?, assim nos perguntamos: e o que arde no final? A casa? toda a Aldeia? o livro? "Quando um livro queima", diz Fausto Cunha na Introdução a *Corações Mordidos*, as

folhas se dobram sobre si mesmas, numa integração derradeira, as chamadas seriam a última leitura." Ficção dentro da ficção. Romance dentro do romance.

Podemos compreender agora, depois desses breves comentários, porque Edla Van Steeen disse, em entrevista: "Com **Corações Mordidos** descobri o prazer, o **jogo da ficção**. Uma espécie de sonho constante. Eu me coloquei na posição de alguém que vai abrir um cofre sem saber o que tem dentro dele."

